

O antro dos desesperados

NUNZIO BRIGUGLIO

Brasília —, a Capital da República, desafia a compreensão, dos reles mortais que vivem aquém do Planalto Central. Desde que o Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira teve a visão da Novacap — ou terá sido pesadelo? — até este final de 1988, poucos são aqueles que realmente conseguem entender o comportamento da mais moderna e contemporânea cidade brasileira.

Tão Gomes Pinto, um dos jornalistas mais competentes do País, já escorregou sua pena satírica sobre este assunto por mais de uma vez. A corporificação do poder, da influência, neste conjunto de edifícios, neste exército de burocratas e políticos, denota a angústia do distanciamento cada vez maior entre a realidade, além do Planalto, e a realidade desta cidade inquietamente incompreensível.

Ronaldo Junqueira, diretor do CORREIO BRAZILIENSE, o melhor jornal da capital, costuma dizer que para entender Brasília é preciso conhecer o restaurante Florentino, filial renomada do homônimo carioca. Realmente, poucos lugares conseguem a proeza de sintetizar tão abstrato e subjetivo conceito de uma comunidade em tão pouco espaço.

Uma noitada no Florentino é capaz de levar qualquer reles mortal de bom-senso à completa sandice. As instalações são ótimas, discretas, agradáveis. O bar é, disparado, um dos melhores do Brasil. A comida, nem tanto. Mas isso é o de menos. Ninguém vai ao Florentino para beber ou comer. Lá é preciso exercitar os sentidos da audição, da visão da percepção. O poder transita, se descontraí por entre as mesas.

Noite destas, Dirce Tutu Quadros deitava falação para um séquito inexpressivo sobre a candidatura Mário Covas à Presidência da República. Parecia horrorizada. Parecia, porque afinal não se conhece nenhum mortal, à exceção talvez de seu pai, que saiba distinguir quando ela realmente está horrorizada ou não.

Dizia La Tutu expressivamente que Covas representa os interesses da direita e que estava 'mancomuna-

do' com Paulo Maluf, de quem, aliás, foi colega de escola politécnica. "Este homem se propõe a ser meu líder?" — perguntava.

Uma das características fundamentais do Florentino é ouvir sem ouvir, ou falar sem falar. La Tutu falava alto. Mas ninguém ouvia. Esta, aliás, é uma das principais características de Brasília.

Outra noite, irrompeu porta adentro ninguém menos que o ministro da Justiça, Paulo Brossard. Dava a impressão de haver saído mesmo de um vidro de compotas. Parecia Júlio César ingressando em um regabofe normando. Fez todas as micagens e gestos possíveis para que todos se apercebessem da sua presença. Ninguém reparou.

Esta também é uma das

características básicas do Florentino. Chamar a atenção de todos. Mesmo que todos se recusem a prestar atenção.

Outra figura de proa no Florentino é o repórter Nilton Duarte. Trata-se de uma mistura completa de Pato Donald com Batman. Um de seus hábitos básicos consiste em tomar do telefone do bar e "transmitir" notícias para rádios paulistas de quem se diz correspondente.

Um, dois, três, quatro, cinco. E lá vai o Nilton, com aquele vozeirão todo, repetindo suas notícias. Bem alto. O mais alto possível para que todos possam ouvi-lo, não através do rádio, que aliás, não tem importância nenhuma. Nilton Duarte quer falar para o público específico do Florentino. Mas, de balde, ninguém parece interessado em ouvi-lo.

Parlamentares, burocratas, governadores, ministros assessores, secretários, enfim, todos de alguma forma vão ao Florentino. Faz parte do ritual da corte. Como se fosse um cenário para a *Divina Comédia*. Cada um leva a sua angústia e o conjunto de todos que querem falar, ouvir, sentir ou ver transforma o local no antro dos desesperados. Da mesma forma que Brasília, a Capital desta República centenária. Um desafio a qualquer análise mais racional e lógica.

Nunzio Briguglio é jornalista